

ENFERMIDADE, ORAÇÃO E CURA

Klaus Haacker**

I. INTRODUÇÃO

Quando a Bíblia fala a respeito da enfermidade, é interessante observar que raramente ela trata do assunto na perspectiva do que podemos fazer contra a enfermidade. Pelo contrário, a Bíblia primeiramente trata do assunto na perspectiva do significado e do sentido que a enfermidade tem para aquele que por ela é acometido. Ela também não fala que a cura da enfermidade é recebida através da oração, mas é esperada do Deus ao qual nos dirigimos na oração. A oração não possui qualquer *poder* em si mesma, como se fosse um remédio eficaz. Quando somos fragilizados pela enfermidade, também a nossa força interior fica fragilizada, a ponto de fragilizar nossa relação com Deus. Também não deveríamos limitar o uso da intercessão pelos doentes a um último recurso a ser usado no caso de serem desenganados pelos médicos: “Agora, só resta ainda orar...”. É justamente nas situações limítrofes, quando somos obrigados a reconhecer nossa impotência, que precisamos aprender a esperar pela ajuda de Deus somente. A ajuda e o socorro não nos são proporcionados pela oração, nem pela intercessão de outros e muito menos pela intermediação de algum santo invocado no contexto da religiosidade popular católico-romana. A oração pela cura é um “exercício e uma prova da fé”.¹ No

entanto, a súplica por cura é amparada pelas promessas de Deus em sua Palavra, que nos anima e convida a orar.

O convite de Deus para orarmos pela cura está arraigado nas Escrituras, na medida em que estas explicitam a vida humana. É dessa perspectiva que devemos abordar o tema *Enfermidade, Oração e Cura*, sob pena de compreendermos a oração apenas como uma variável, como um aditivo da saúde. Esse equívoco se constata em uma recente pesquisa feita nos EUA, onde se constatou que as estatísticas de enfermidade diminuíam na medida em que as pessoas tinham o hábito de orar.² Sob o ponto de vista antropológico, a pesquisa é muito interessante. Contudo, pode conduzir a um mal-entendido se a oração não for associada a uma reflexão sobre a pessoa de Deus. Deus não se deixa reduzir a um fator estatístico de nossa saúde. E a oração autêntica protesta contra um sistema de valor no qual a saúde é o maior valor (saúde é o que interessa, o resto não tem pressa...), ao qual precisam ser oferecidos os maiores sacrifícios.

II. A VIDA HUMANA – UM MILAGRE DE DEUS

Ao associarmos as palavras *oração* e *cura*, rapidamente nos vem à mente a idéia de *milagre*. Se numa situação de vida ameaçada pela enfermidade nós oramos a Deus pedindo por ajuda, compreendemos a cura como uma resposta de oração, como uma intervenção de Deus no transcurso natural da doença, como um milagre! A concepção de milagre é dada especialmente nos casos em que a cura acontece contra o prognóstico do médico ou contra as tendências estatísticas. Os profissionais da saúde, que consideram esses casos empiricamente, contentam-se em comentar o fato como uma “cura espontânea”, sem uma explicação lógica. Porém, na perspectiva da fé, é fácil associar a oração à cura, ainda que nos intimidemos a testemunhar publicamente relatos de cura dos quais nós mesmos somos os protagonistas.

O conceito moderno da ciência define o milagre como uma quebra das leis da natureza. Inclusive Blaise Pascal, que como cristão tinha os milagres em alta estima, define o milagre como “um efeito que ultrapassa a força natu-

* Texto traduzido do alemão por Klaus Andreas Stange. Título original: Klaus HAACKER, *Krankheit, Gebet und Heilung*, in: Theologische Beiträge 36 (2005), p. 60-79, © Theologischer Verlag Rolf Brockhaus. Este artigo é a adaptação de uma palestra que originalmente foi proferida pelo autor na Assembléia Geral de Oração das pastoras e pastores de Elbingerode/Alemanha, em 19 de outubro de 2004.

Klaus Haacker (Dr.) é professor na área de Novo Testamento na “Kirchliche Hochschule Wuppertal” (Alemanha). É um dos editores da revista teológica “Theologische Beiträge” e autor de diversas obras na sua área de docência.

¹ Cf. Friedrich MILDENBERGER, *Das Gebet als Übung und Probe des Glaubens*, Stuttgart 1968.

² O artigo de Theresa Maria de Jong, intitulado *Fé, Esperança e Cura* na recente edição da revista *Psychologie heute* (ano 32, nº 3, Março de 2005, p. 21-25) inicia com a frase: “As conclusões da ciência são impressionantes: pessoas de fé convalescem mais rapidamente, são muito mais imunes à depressões e necessitam de menos analgésicos.”

ral dos meios utilizados [para realizá-lo]”.³ O perigo que reside nesse conceito de milagre está no fato de que a pessoa de Deus apenas é considerada como hipótese quando todos os demais paradigmas falharam. Em outras palavras, “Deus” é colocado no fim da linha, como um adendo que tende a desaparecer completamente na medida em que as respostas da ciência progredirem. Deus somente ainda ocupa um lugar onde a natureza não prevalece.

Contudo, a compreensão bíblica de milagre é bem diferente. O conceito bíblico de milagre não é definido em termos negativos, haja vista os limites de nossa compreensão humana, mas é definido positivamente na medida em que experimentamos o agir de Deus – agir que nos surpreende e nos faz ficar estupefatos. Ficamos estupefatos diante da criação, cuja beleza e complexidade não é simplesmente categorizada como o curso óbvio e normal da natureza.⁴ Ficamos estupefatos diante da nossa própria existência.⁵ Além da criação, ficamos estupefatos diante da sustentação (*creatio continua*) da criação.⁶

No livro de Atos dos Apóstolos, encontramos “prédicas aos gentios” que atestam o cuidado de Deus para com o mundo, como Ele mantém e sustenta a sua boa criação. O sustento da criação é interpretado como um testemunho, não verbal, de um Deus vivo que se revela a pessoas que nada sabem a respeito da história de Israel.⁷ Na pregação de Paulo, em Atenas, nos é dito que Deus não somente criou a humanidade como também é aquele que *dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas* (At 17.25). Essa visão bíblica aproxima-se do conceito do *princípio antropológico*, que indica para o fato de a vida humana, assim como nós a conhecemos hoje, fundamentar-se em infinitos

³ Cf. Pascals Pensées, nº 804. “un effet qui excède la force naturelle des moyens qu'on y emploie”. Karl Heim refutou esse conceito como não bíblico, pois os personagens bíblicos ainda não conheciam o conceito de “força da natureza”.

⁴ Cf. Salmo 19.1 “Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra de suas mãos...”.

⁵ Cf. Salmo 139.13ss. “Tu criaste o íntimo de meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas!”.

⁶ Cf. Salmo 104.27ss. “Todos dirigem seu olhar a ti, esperando que lhes dês o alimento no tempo certo; tu lhes dás e eles o recolhem, abres a tua mão, e saciam-se de coisas boas.”

⁷ Cf. Atos 14.15-17: “Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês. Estamos trazendo boas novas para vocês, dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. No passado ele permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, Deus não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheita no tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria.”

detalhes e especificidades. Pequenas alterações como, por exemplo, na translação da terra ao redor do sol, implicariam o fim da vida humana sobre a terra.

Portanto, atribuir a Deus somente uma função de salvar de crises extremas, da enfermidade ou quando a vida está ameaçada, é uma redução que não corresponde ao perfil de Deus. Deus quer ser reconhecido e louvado como aquele que provê a nós uma vida saudável. Criar, manter e salvar são três dimensões do agir de Deus que não podem ser dissociadas.⁸ A terceira estrofe do conhecido hino “Alma bendize” sintetiza o que estamos afirmando:

Alma, bendize o Senhor, que te deu existência;
vida e saúde conserva, por sua clemência.
De quanta dor ele, teu Pai e Senhor,
livra-te em mal e carência!

III. ENFERMIDADE É CURADA!

Em momentos de enfermidade, quando o coração fica angustiado, desejamos a cura. Como pessoas de fé, temos a liberdade de buscar o socorro junto a Deus. Não por último, encontramos na Bíblia a citação de Êx 15.26: *Eu sou o Senhor que os cura*. Infelizmente, quando tudo nos vai bem, tão facilmente nos esquecemos de Deus, não lembramos de seu constante cuidado e assistência. Essa é a lição que sempre de novo temos para aprender: não podemos considerar a saúde como algo óbvio, próprio da natureza; não podemos simplesmente viver a vida na perspectiva das nossas próprias forças e capacidades, esquecendo que a vida é dádiva e aquiescência. Na auto-suficiência nos distanciamos de Deus, distanciamos-nos do *proprium* que distingue a existência humana em contraste às demais criaturas: ser imagem de Deus.” Pelo fato de o agir abençoador de Deus nos parecer pouco evidente, a ponto

⁸ Há uma contribuição valiosa na Teologia do Antigo Testamento de Claus Westermann (Göttingen, 1978), quando ele destaca em sua obra a dimensão da bênção de Deus na criação. (Cf. a terceira parte de sua obra: *Der segnende Gott und die Schöpfung*).

⁹ Uma análise detalhada do termo *imagem de Deus* revela que o termo designa a relação de pais e filhos. Compare Gn 1.27 com Gn 5.3 e o meu artigo *Wie redet die Bibel vom Menschen? Biblische Vorgaben zur anthropologischen Diskussion heute* in: *ThBeiträge* 8 (1977), p. 241-260. Cf. também Klaus HAACKER, *Biblische Theologie als engagierte Exegese. Theologische Grundfragen und thematische Studien*, Wuppertal: Brockhaus 1993, p. 153-172.

de não o percebermos nem o distinguirmos, necessitamos ser impactados e chocados através de doenças e ameaças da vida. A enfermidade ou a vida ameaçada se tornam a oportunidade e a razão de nossa oração. Por isso, encontramos, em muitos salmos, o lamento pela enfermidade. É interessante observar que a formulação desse lamento é generalizada, de modo que não se limita a um tipo específico de enfermidade. Observe, por exemplo, o Salmo 22.14ss:

Como água me derramei, e todos os meus ossos estão desconjuntados. Meu coração se tornou como cera; derreteu-se no meu íntimo. Meu vigor secou-se como um caco de barro, e a minha língua grudou no céu da boca; deixaste-me no pó, à beira da morte.

O fato de a enfermidade constituir-se em elemento terapêutico e nos arrancar da falsa auto-segurança, remetendo-nos novamente a Deus, transparece de forma brilhante no Salmo 30.6-12:

Quando me senti seguro, disse: Jamais serei abalado! Senhor, com o teu favor, deste-me firmeza e estabilidade; mas, quando escondeste a tua face, fiquei aterrorizado. A ti, Senhor, clamei, ao Senhor pedi misericórdia: Se eu morrer, se eu descer à cova, que vantagem haverá? Acaso o pó te louva? Proclamará a tua fidelidade? Ouve, Senhor, e tem misericórdia de mim; Senhor, sê tu o meu auxílio. Mudaste o meu pranto em dança, a minha veste de lamento em veste de alegria, para que o meu coração cante louvores a ti e não se cale. Senhor, meu Deus, eu te darei graças para sempre.

A oração de um doente, que se sente ameaçado pela morte, encontramos na oração do rei Ezequias, registrada em Is 38.10-20 e 2 Re 20.1-11. Também nesta oração fica evidente que o louvor a Deus é o sentido mais profundo de nossa vida. É nossa alegria de viver. A cura experimentada pela pessoa que ora restaura a pessoa, mas restaura também o louvor a Deus.

Por mais ameaçadoras e agudas que sejam as enfermidades, (na antiguidade as enfermidades culminavam com muito mais intensidade e rapidez na morte do que em nossos dias) elas se constituem simultaneamente em importantes etapas de nossa vida: são experiências nas quais nos confrontamos conosco mesmos e se constituem em um capítulo de nossa história com Deus.

Esse período pode transformar-se em um longo período de conflitos e luta interior. O livro de Jó evidencia isso de forma dramática e poética. De todos os infortúnios que se abateram sobre a vida do piedoso Jó, a enfermida-

de é a mais prolongada e agonizante experiência que aflige seus sentimentos e sua relação com Deus. Para o autor do livro de Jó, mais importante do que a cura, no final da história, é descrever a relação de Jó com Deus, sua luta com Deus para obter um sentido, uma explicação para a sua enfermidade.

No Novo Testamento, encontramos o exemplo de Paulo, cuja oração por cura não é atendida. Ao invés da cura, encontramos uma reflexão sobre o sentido do sofrimento. A resposta que o apóstolo Paulo recebe, após orar em vão, repetidas vezes, pedindo por cura, encontramos em 2Co 12.9: *Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoou na fraqueza.*¹⁰

IV. ENFERMIDADE E PECADO

No processo de luta contra a enfermidade, e na tentativa de compreender o que está acontecendo, levanta-se uma pergunta séria: qual a relação da enfermidade com o pecado? Esse questionamento não é apenas inerente a pessoas que tiveram uma rígida educação religiosa ou moral. Pelo contrário, é intrínseco à natureza humana. A pergunta: “O que eu fiz para merecer isso?”, pode ser proferida num tom de acusação ou auto-acusação. De qualquer forma, a pergunta faz parte do “repertório” de pessoas enfermas, especialmente quando acometidas por doenças incuráveis. A idéia de um poder imane de justiça, que controla o destino humano e retribui a cada um segundo aquilo que merece, é universalmente aceita e acompanha o ser humano desde seu nascimento.¹¹

Tendo a relação enfermidade-pecado como pano de fundo, não fica absolutamente claro se a oração que encontramos em alguns salmos como, por exemplo, no Sl 27, reporta-se a uma situação de enfermidade ou a uma situação de acusação injusta.¹² No livro de Jó, são os insensíveis amigos que impelem o abatido Jó a uma impiedosa auto-crítica para descobrir a razão de

¹⁰ A palavra dirigida a Paulo é uma oferta graciosa. Cf. Ulrich HECKEL, Art. *asthénia* in: TBLNT II, p. 1199-1203.

¹¹ No Hinduísmo [e espiritismo] a idéia da retribuição constitui o cerne da doutrina da reencarnação, pela qual o ser humano, através do sofrimento, expia seus pecados e ascende a categorias mais elevadas de vida.

¹² Hans Joachim KRAUS, *Psalmen*. (Série: Biblischer Kommentar. Vol. XVI/1), p. 220-227, sugere que o Salmo 27 é um Salmo de Lamento de uma pessoa acusada injustamente. Com essa posição ele concorda com H. SCHMIDT, *Das Gebet der Angeklagten im Alten Testament*, (BZAW 49) 1928. O ponto de vista de compreender-se o Salmo 27 como a oração de um salmista enfermo é defendida por Christoph BARTH, *Die Errettung vom Tode in den individuellen Klage- und Dankliedern des Alten Testaments*, 1947, p.157s.

sua enfermidade e de seu sofrimento. No Salmo 41.5-11, constantemente se fala de inimigos que julgam a enfermidade do salmista como justa retribuição. O salmista ora e busca o socorro de Deus. Ele quer ser curado para poder reabilitar-se socialmente. Apesar de tudo, seu pedido no v. 4 expressa: *Misericórdia, Senhor, cura-me, pois pequei contra ti*. De forma especial, a relação entre cura e perdão se explicita no SI 103.1-5:

Bendiga o Senhor a minha alma! Bendiga o Senhor todo o meu ser!
Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos! É ele que perdoa todos os seus pecados e cura todas as suas doenças, que resgata a sua vida da sepultura e o coroa de bondade e compaixão, que enche de bens a sua existência, de modo que a sua juventude se renova como a águia.

No Novo Testamento, encontramos o relato da cura de um paralítico, em Mc 2.1-12, no qual fica evidente a relação de cura e perdão dos pecados.¹³ Apesar de para nós soar de forma muito estranha, Paulo atesta que enfermidades, e até óbitos na comunidade de Corinto, são juízo de Deus com o fim de disciplinar internamente a indiferença na comunidade (1Co 11.30-32). Realizar esse tipo de julgamento, como Paulo o faz, exige voz profética e a capacidade de discernimento (cf. 1Co 14.24), e não pode ser levemente imitado, como o mostra o exemplo dos amigos de Jó: apesar de o próprio Jó, no final da história, humilhar-se e declarar-se culpado diante de Deus (Jó 42.1-6), Deus julga e repreende os amigos de Jó, pois cometeram loucura (Jó 42.7-9). Por isso é importante que, no aconselhamento, tomemos o devido cuidado para não reforçar a auto-acusação que os doentes se fazem: é possível que a auto-acusação nasça do reconhecimento autêntico de culpa, mas pode também se tratar de um equívoco, no qual se ache que Deus (ou o destino) tenha que ser apaziguado através da contrição e arrependimento.¹⁴

A conclusão mais relevante a ser feita em momentos de tentação é reconhecer que, diante de Deus, sempre estaremos “em débito”, jamais chegaremos a ponto de poder garantir a nossa vida através de auto-realizações. Por isso, lemos na oração do “Pai Nosso”, o pedido para que Deus não consi-

¹³ Infelizmente os representantes clássicos da história das formas (M Dibelius, R. Bultmann) consideraram a relação do perdão e da cura nesta perícopa como palavra não original. O *propium* desse texto - na linha do SI 103 - foi considerado (a partir da ficção de leis da história das formas) como tradição oral da comunidade.

¹⁴ O estudo sobre luto de Elisabeth Kübler-Ross fala nesse contexto da “fase da negociação”.

dere nossa culpa ou, em outras palavras, que a dívida pela nossa ingratidão seja reconsiderada por Deus. A autocrítica desencadeada a partir da enfermidade pode nos fazer despencar de nossa posição de auto-justificação e nos lançar sobre o fundamento que carrega e sustenta a nossa vida: a graça e a misericórdia de Deus. Essa conclusão também se encontra na linha de minha tese apontada no tópico “Enfermidade cura!”.

V. ENFERMIDADE E MORTE

Já mencionei anteriormente que, nos tempos bíblicos, a relação entre enfermidade e morte era muito mais intensa que em nossos dias. Infecções que hoje em dia facilmente dominamos com antibióticos, naquele tempo ceifavam a vida das pessoas em questão de dias. Os recursos cirúrgicos eram extremamente limitados, de modo que uma apendicite rapidamente conduzia ao óbito. A partir dessa perspectiva, podemos compreender que a oração de enfermos que encontramos na Bíblia, ao mesmo tempo, são uma argumentação a respeito da morte:¹⁵

Tenho sofrido tanto que a minha vida está à beira da sepultura! Sou contado entre os que descem à cova; sou como um homem que já não tem forças. Fui colocado junto aos mortos, sou como os cadáveres que jazem no túmulo, dos quais já não te lembras, pois foram tirados de tua mão. Puseste-me na cova mais profunda, na escuridão das profundezas (SI 88.3-6).

As cordas da morte me envolveram, as angústias do Sheol vieram sobre mim; aflição e tristeza me dominaram. Então clamei pelo nome do Senhor: Livra-me, Senhor! Tu me livraste da morte, e livraste os meus olhos das lágrimas e os meus pés, de tropeçar... (SI 116.3-4, 8).

Em nossos dias, é raro vivenciarmos a enfermidade de forma tão dramática, a não ser, em caso de enfermidades graves. Contudo, as palavras dos salmistas nos dão voz para expressarmos algo que diz respeito aos nossos dias: por um lado, podemos ler os salmos como manifestação ou expressão da depressão que pode nos acompanhar, qual sombra, em momentos de enfermidade. Mesmo quando os médicos se mostram otimistas em relação ao nosso

¹⁵ Cf. Christoph BARTH, op. cit.

estado clínico, ou de forma otimista se apresentam, ainda assim, as preocupações e os medos que temos são parte do sofrimento real que precisa ser vencido. Faz parte da cura que pedimos e almejamos de Deus, a superação de nossos medos. Por outro lado, as enfermidades são para nós lições de vida, no sentido como o lemos no Sl 90.12: *Ensina-nos a lembrar, que precisamos morrer*.¹⁶

Quando nos confrontamos com os limites de nossas forças, podemos e devemos nos lembrar do limite de nossa existência. A arte de morrer (*ars moriendi*) precisa ser exercitada na vida, na medida em que reconhecemos a liberdade de Deus de dispor sobre a nossa vida. Quando experimentamos a debilidade de nosso corpo e estamos totalmente entregues, confrontamo-nos com Deus como se ele fosse uma rocha, uma rocha de que não podemos desviar nem tirá-la do caminho.¹⁷ Nesses momentos, vale relativizar os planos e as esperanças, se possível, “soltar” os desejos mais profundos do coração e aprender a soletrar a verdade de Isaias 55.8ss:

Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos, declara o Senhor. Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos e os meus pensamentos, mais altos que os seus pensamentos.

Esse “mais alto” é objeto da fé na medida em que o “não” de Deus aos nossos planos é experimentado de forma dolorosa. Mas, para além de nosso reconhecimento de que na morte lidamos com o próprio Deus, somos impactados com a mensagem de que Deus não deu à morte a última palavra. Nas palavras de Ana, mãe do menino Samuel: *O Senhor mata e preserva a vida; ele faz, descer à sepultura e dela resgata* (1Sm 2.6).

VI. CORAGEM PARA PEDIR AO INVÉS DE RESIGNAÇÃO ESTÓICA!

Nossa hinologia tradicional oferece poucos impulsos para pedirmos por cura em momentos de enfermidade. Quem sabe, o saltério da Bíblia não

¹⁶Tradução de Lutero. A NVI traduz: “Ensina-nos a contar nossos dias para que nosso coração alcance sabedoria”.

¹⁷Cf. Sl 90.3 “Fazes os homens voltarem ao pó, dizendo: ‘retornem ao pó, seres humanos’.”

se constitua de salmos comunitários, mas muito mais em auxílios poéticos que dão voz para a oração pessoal.¹⁸ Seja como for: na tradição de piedade que marcou nossos hinos, encontramos muito mais impulsos para um conformismo com a situação estabelecida do que impulsos que encorajam concretamente para o pedir. Exemplos característicos encontramos em hinos como “O que meu Deus quer / aconteça em todo o tempo / sua vontade – esta é a melhor” (Evangelisches Gesangbuch = EG [Hinário da Igreja Evangélica da Alemanha] 364). “Aquele que deixar o Deus amoroso governar” (EG 369). “Dá-te por satisfeito e fique quieto” (EG 371). Também o belo hino “Entrega o teu caminho ao Senhor” (EG 361) trata, em 12 estrofes, acerca da sábia e fiel direção divina em nossa vida; que ele também tem um ouvido para petições concretas, ressoa apenas uma vez no final da 2. estrofe: “Sem preocupação, sem sofrimento e sem constrangimento próprio Deus não se deixa tirar nada, tudo é preciso pedir”.

Essa constatação nos remete à postura que era exigida dos filósofos estoicos: aceitar passivamente todo sofrimento do qual se é acometido, uma vez que eles pertencem à natureza humana, de acordo como foi pré-estabelecido pelo *logos* que governa o mundo. Não há espaço aqui para a invocação de um Deus pessoal, que se importa com os seus filhos e, por amor a eles, intervém na história. O mesmo pode ser dito do poema mundialmente conhecido de Reinhold Niebuhr: “Deus me dê a serenidade de aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar aquelas que posso mudar e a sabedoria para discernir entre ambos”. Numa versão um pouco modificada, o poema consta em um livro de orações para enfermos da Igreja Católica Romana.¹⁹

Essa inclinação, aparentemente piedosa, para a resignação, já era denunciada por Adolf Köberle nas palavras: “Nós corremos por demais o risco de, em momentos de enfermidade, nos deixarmos desencorajar. Submetemo-nos, resignados, ao que parece estar determinado. No máximo, pedimos a Deus que nos dê suficientes forças para suportarmos nosso destino, mas não esperamos grandes coisas de Deus. Dos relatos do Novo Testamento, reconhecemos, com clareza, que a comunidade primitiva tinha uma bem outra postura diante da enfermidade e da vulnerabilidade da vida: tinha uma postura de esperança, cheia de fé, até agressiva”.²⁰

¹⁸Na minha opinião, a tese de considerar o livro dos Salmos como o “hinário de Israel” não se sustenta mais na atual pesquisa do saltério.

¹⁹Cf. Frieder SCHULZ, *Über die Herkunft des “Gebetes um Gelassenheit*, in: ThBeitr 21 (1990), p.98.

²⁰Cf. *Geduld und Hoffnung, Besuch am Krankenbett*, Hamburg 1971, p.14s.

Talvez a nossa oração tradicional seja por demais - unilateralmente - determinada pela oração de Jesus no Getsêmani, mais especificamente, pelas suas palavras: ... *não a minha, mas a tua vontade seja feita*. No entanto, esqueçamos que, no contexto da paixão de Jesus, estas são as suas últimas palavras nessa situação extrema. Antes disso, Jesus teve a ousadia de pedir ao Pai para que Ele afastasse dele o cálice amargo, embora Jesus tenha, em diversas ocasiões, falado da necessidade de seu sofrimento. Nas orações que encontramos nos salmos, os salmistas não aceitam um determinismo para o sofrimento (revelando que são pessoas normais como nós). Pelo contrário, eles têm a ousadia de inclusive acusarem a Deus como, por exemplo, no Sl 13.1: *Até quando, Senhor? Para sempre te esquecerás de mim? Até quando esconders de mim o teu rosto?* Na tradição dos evangelistas Mateus e Marcos, as últimas palavras de Jesus, na cruz, foram uma espécie de acusação a Deus, nas palavras do Sl 22.1: *Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?*²¹ O grito de Jesus, na cruz, não é um grito de desespero, mas expressão de uma confiança inabalável em Deus, testificado pela dupla exclamação *Meu Deus!*²² Justamente lá onde temos esta confiança inabalável em Deus, há espaço para acusar Deus pela situação insuportável, na qual nada mais do seu amor se pode perceber.

Certamente, Deus nem sempre concede a vida, também permite a morte. Mas, em última análise, Deus se coloca ao lado da vida. Por isso, nosso apelo por cura diante da enfermidade ou por libertação da morte é um apelo que atinge a essência de Deus, é um apelo que atinge o coração de Deus.²³ Deus não está a negar-se a si mesmo quando atende tais pedidos, mas ele se oculta, quando não o faz. Segundo as palavras e o ensino de Jesus, é "normal" que Deus atenda à oração (Mt 7.7-11 e Lc 11.9-13). O contrário, que Jesus pessoalmente experimentou no jardim do Getsêmani, é a situação limite. Quando nós mesmos vivenciarmos situações limítrofes, saberemos no tempo certo. Até lá, não deveríamos nos sentir impedidos de receber, com gratidão e alegria, nossa vida e saúde das mãos de Deus, e pedir por ela quando estiver ameaçada.

²¹ Alguns intérpretes defendem que no lugar da palavra "por que" se coloque a palavra "para que" ou "para onde"... Com esta variante, Jesus perguntaria pelo sentido de seu sofrimento e morte.

²² Como fundamentação à tese de que Jesus expressa sua profunda confiança no Pai, cf. Rainer ALBERTZ, *Persönliche Frömmigkeit und offizielle Religion*. Stuttgart 1978, p.33.

²³ Cf. Lm 3.31-33: "Porque o Senhor não o desprezará para sempre. Embora ele traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é seu amor infalível. Porque não é do seu agrado trazer aflição e tristeza aos filhos dos homens..."

VII. NOVIDADES NO NOVO TESTAMENTO

Até aqui, tenho abordado, de forma geral, os fundamentos e os aspectos existenciais de meu tema. A partir deste momento, quero dedicar-me a analisar, de forma especial, o Novo Testamento. Quero iniciar, tecendo alguns paralelos gerais entre o Novo e o Antigo Testamento.

Vindo de uma leitura dos salmos, constatamos que, no Novo Testamento, há poucos testemunhos de orações pedindo por cura. Certamente, isso se explica pelo fato de não termos um saltério no Novo Testamento. Textos literais contendo orações nós encontramos apenas nos livros de cunho histórico ou profético (Evangelhos, Atos e Apocalipse). Contudo, encontramos, no Novo Testamento, inúmeras citações dos salmos do Antigo Testamento, ou referências a estes, de modo que podemos ter a certeza de que a comunidade primitiva usava e estimava o saltério do Antigo Testamento.

Por outro lado, constatamos que, no Novo Testamento, o tema "cura" ocupa espaços muito mais significativos do que no Antigo Testamento, se analisarmos os relatos de curas. Também não encontramos, na história do antigo Israel, um personagem que tivesse em seu perfil o dom da cura assim como o encontramos em Jesus. Alguma comparação talvez seja possível fazer entre Jesus e os profetas Elias e Eliseu,²⁴ apesar de ainda permanecerem enormes diferenças. O fato de Jesus curar os enfermos e inválidos, constitui um marco indelével na sua biografia que, tanto naquele tempo, como ainda hoje, causa escândalo. Por isso, como cristãos, não podemos refletir acerca da cura sem abordar o ministério de cura de Jesus, ainda que nesse contexto poucas vezes seja envolvida a oração.

A segunda "inovação" que encontramos no Novo Testamento, e que não aparece no Antigo Testamento, está relacionada com o que dissemos acima: Jesus deu aos seus discípulos a tarefa de curar,²⁵ tarefa que, após o evento da Páscoa, também foi assumida pela comunidade primitiva. Disso dão testemunho inúmeras passagens do livro de Atos dos Apóstolos, bem como, nas epístolas, encontramos reflexões a respeito do dom da cura. Precisamos analisar o transecurso da história da igreja para verificar por que esse tema foi colocado em segundo plano. As igrejas históricas precisam resgatar algo e deixar-se questionar pela renovação carismática recente.

²⁴ Cf. 1 Re 17.17-24, 1 Re 18, 2 Re 2.9-22, 2 Re 4-7.

²⁵ Cf. Mt 10.1, Lc 9.1 e Mc 6.7-13.

VIII. JESUS, COMO AQUELE QUE CURA AS DOENÇAS

Relatos de cura ocupam grande espaço nos Evangelhos. Contudo, na pesquisa exegética, esse elemento muitas vezes tem sido desprestigiado. Por exemplo, a conhecida obra de Günther Bornkamm, *Jesus de Nazaré*²⁶ não traz um único capítulo sobre o tema. Essa supressão é, certamente, consequência do Iluminismo e de um conceito positivista de ciência. Porém, podemos constatar que o ambiente cultural e espiritual, em relação ao tema, mudou nos últimos anos. A razão para essa reviravolta, para uma maior abertura a fenômenos extraordinários, não deve ser procurada na esfera do racional, do lógico. Antes, percebe-se um profundo anseio da alma humana, cuja inquietação não pôde ser aquietada pelo racionalismo. Há uma profunda desilusão com o poder de realização do mundo tecnicista. Abre-se espaço para que outros “poderes” atuem e, nem sempre, esses poderes podem ser tidos como algo positivo. Se de um momento para o outro se aceita plenamente a intermediação de “poderes sobrenaturais” para atender expectativas de cura, isso não significa, necessariamente, que não haja nenhum problema para o evangelho. Por outro lado, podemos, de algum modo, alegrar-nos que essa dimensão do ministério de Jesus novamente foi resgatada e valorizada, sendo levada a sério. Estudantes da teologia podem constatar isso, por exemplo, no livro muito difundido de Gerd Theissen e Annette Merz: *O Jesus histórico*.²⁷ Percebemos que a realização de milagres (ao que também devemos acrescentar os exorcismos²⁸) estava arraigada ao ministério e à pessoa de Jesus, uma vez que até os inimigos de Jesus não os refutavam. Os milagres que Ele operava tinham um elemento provocador que questionava seus opositores como, por exemplo, nas curas que Jesus realizava no dia de sábado (Cf. Mc 3.1-6, Jo 11.47-53). Os exorcismos eram interpretados de forma negativa pelos opositores de Jesus (Cf. Mc 3.22). Os milagres de Jesus geravam espanto e admiração. Inevitavelmente, surgia a pergunta pela autoridade dele (Cf. Mc 1.27). Para muitos, os milagres de Jesus eram um enigma, um mistério (Mc 1.27, Lc 4.36). O mesmo pode ser dito da própria pessoa de Jesus. Podemos

²⁶ Stuttgart, 1956, 15. ed. 1995.

²⁷ Göttingen: 1996. Cf. na obra o § 10: *Jesus als Heiler*. O título do livro dos autores é: *Die Wunder Jesu*, p.256-284. Cf. também L. SCHIOTTROFF & W. STEGEMANN, *Jesus von Nazareth. Hoffnung der Armen*. Stuttgart 1978. Na p. 32 o autor escreve: “Milagres acontecem. Não duvidamos do fato de que no movimento de Jesus pessoas foram curadas e que elas compreenderam os milagres como o início da consumação dos tempos.” Cf ainda: Bernd KOLLMANN, *Jesus und die Christen als Wunderkürer*. Göttingen 1996.

²⁸ Cf At 10.38

constatar isso na ocasião em que João Batista manda mensageiros perguntarem a Jesus se ele é o Messias prometido ou se deveriam esperar outro. Jesus responde aos questionamentos de João indicando para os seus milagres. Milagres deveriam acompanhar o Messias anunciado nos Evangelhos (Cf. Mt 11.2-6, Lc 7.18-23). A partir desse ponto de vista, temos que nos perguntar se não é um déficit de nossa cristologia e da nossa relação com Jesus Cristo, se unilateralmente enfatizarmos a cruz e a ressurreição - em todos casos ainda incluímos o Sermão da Montanha enquanto legado ético de Jesus - em detrimento de sua missão de curar. Primeiro Jesus foi o ungido de Deus para agir em prol da cura do ser humano, depois Ele foi o servo sofredor de Deus e o Senhor exaltado.

Uma vez que está claro que a cura ocupa um lugar central no ministério de Jesus, temos diante de nós a tarefa de observar atentamente. Existem teólogos e grupos cristão que destacam o tema “cura” em seu meio, porém não atentam para a instrução que nos foi delegada por Jesus nesse tocante. As seguintes considerações me parecem relevantes:

1. Não há um programa e não há propaganda!

Jesus não parou de pé diante do povo, proclamando: “Venham todos a mim, eu vou curá-los!”. Ao contrário: algumas vezes ele até proibiu de anunciarem publicamente uma cura que Ele havia realizado (Cf. Mc 1.43). Diante do desejo das multidões de serem curadas, algumas vezes Jesus se retirou (Cf. Mc 1.45). Ele via na veneração de sua pessoa um perigo (Cf. Jo 6.15). Os milagres de cura eram freqüentemente um ingrediente que *acompanhava* sua pregação a respeito do Reino de Deus (Mt 11.2-6, Lc 4.18). Jesus podia apontar para os milagres e para as curas como sinais do Reino, porém estes não se constituíam no tema de sua pregação nem em um programa de seu ministério.

2. A iniciativa do sofredor é a regra

Em segundo lugar, devemos observar que, via de regra, não era Jesus quem tomava a iniciativa de curar o doente, mas Ele reagia a um pedido da pessoa enferma ou a um pedido das pessoas que estavam próximas do enfermo e se importavam com ele. Era possível que o enfermo mesmo clamasse: *Filho de Davi, tem compaixão de mim!* (Cf. Mt 9.27, Mt 20.30). Ou podiam ser os quatro amigos que baixaram o paralítico, através do telhado, aos pés de Jesus (Cf. Mc 2.3ss). Às vezes, o pedido por socorro provinha da mãe ou do pai do doente (Cf. Mt 15.22, Mc 5.21-24). Jesus *responde, reage* à necessidade que lhe é apresentada. Essa é a regra. Exceções têm sua explicação, como

no caso quando Jesus cura em dia de sábado, para instruir seus opositores a respeito do significado do sábado (Cf. Mc 3.1-6).²⁹

3. O papel da fé

Se fizermos um paralelo dos relatos bíblicos de cura com relatos extra-bíblicos, constatamos que o tema da fé relacionado à cura é exclusividade de Jesus.³⁰

O envolvimento da própria pessoa sofredora no processo de sua cura é constantemente sublinhado por Jesus nas suas palavras: *Tua fé te curou!* ou, *Tua fé te salvou!* (Cf. Mc 5.34, 10.52, Lc 18.42, 17.19). Essa fórmula se encontra sempre em relação a pessoas aflitas que tomam a iniciativa de se dirigir a Jesus com o seu sofrimento. Muitas vezes, isso implicava a transposição de barreiras, limites e resistências de terceiros.³¹ Também a história da mulher cananéia (Mt 15.21-28) e do centurião de Cafarnaum (Mt 8.5-13, Lc 7.1-10) descrevem um louvor à fé demonstrada pelos envolvidos, em virtude das circunstâncias adversas em que procuraram Jesus. Quando Jesus relaciona os elementos fé e cura, não está pedindo das pessoas necessitadas uma obra meritória, na qual a cura, por assim dizer, é uma espécie de recompensa pela fé demonstrada. Pelo contrário: correr o risco de pedir ajuda a Jesus, pedindo por cura, é apontado por Jesus como fé. Isso significa: a fé é um evento entre o sofredor e Deus. À cura exterior antecede um quebrantamento interior em direção à Deus. É a coragem de imaginar e esperar um futuro que não se encontra sedimentado, nem se constitui na prorrogação do que está constituído. Essa é, exatamente, a essência da fé como Paulo a explicita em Rm 4.17-20, a partir do exemplo de Abraão: contra todos os prognósticos, contar com a reviravolta de Deus. Esperar que Deus intervenha com ações semelhantes à da criação: do nada Deus cria o mundo, ressuscita mortos e concede - contra todas as possibilidades da ciência - o nascimento de Isaaque. Descrença e falta de fé apenas esperam a continuidade das experiências feitas. A fé, por outro lado, aposta na contingência do agir de Deus, aposta na

²⁹Também a exceção de Jo 5.1-9 acontece num dia de sábado.

³⁰Cf. entre outros, Gerd THEISEN e Annette MERZ, *Der historische Jesus*. Göttingen 1996, p. 266. "Não há analogia nos escritos extra-bíblicos à palavra de Jesus: 'tua fé te salvou'. Nos relatos extra-bíblicos lemos a respeito da fé no sentido de um discipulado. Depois de a cura ou o milagre haver-se realizado, suscita-se a fé para o discipulado. Somente com Jesus a fé é colocada como elemento de poder que antecede a realização do milagre, respectivamente da cura." Cf. também Norman PERRIN, *Was lehrte Jesus wirklich? Rekonstruktion und Deutung*. Göttingen 1967, p.147s.

³¹A exceção de Lc 7.50 indica perdão dos pecados como cura.

liberdade de Deus de fazer exceções à regra e renovar a esperança no futuro em situações nas quais tudo já parecia estar determinado. Este é o sentido das palavras tanto citadas por Jesus, em Mc 9.23: *Todas as coisas são possíveis para aquele que crê.*

Nesse ponto, gostaria de fazer algumas ponderações exegéticas à tradução muito comum que traduz o texto como: *tudo pode, aquele que crê.* Do ponto de vista lingüístico, esta tradução é possível, mas se considerado devidamente o contexto, essa opção é um equívoco. No contexto imediatamente anterior, fala-se do "poder" de Jesus, mas a resposta do pai do menino dá a entender que ele aplica a pergunta de Jesus à sua fé: *Eu creio, ajuda-me na minha incredulidade!* (Em outras palavras: "Eu tento crer! Ajuda-me a vencer minha incredulidade!"). Não é a fé que é poderosa, mas trata-se do "poder" de Deus que se manifesta em Jesus.³² Fé é a postura na qual nós reconhecemos a soberania de Deus,³³ é reconhecer e pedir a soberania de Deus *Pro nobis*.³⁴

Karl Heim, em seu artigo *Zur Frage der Wunderheilung*,³⁵ exemplifica muito bem a relação entre fé e realidade. O futuro nunca está pré-determinado. Pelo contrário, ele é o fluido de agregação e coesão do tempo. Somente o passado, o que já se passou, é algo certo e imutável. Fé, por assim dizer, o tempo "congelado" e somente essa parte da realidade podemos examinar à luz da imanente lei de causa e efeito. Fé é a coragem de pensar o futuro a partir da liberdade que Deus tem e, a partir da liberdade soberana de Deus, invocá-lo, apelar. É isso que acontece quando pedimos por cura, assim como o vemos exemplificado na vida de Jesus. Pessoas se dirigiam a Jesus, confiando no caráter de seu envio e nos dons recebidos de Deus. O mesmo é válido quando, através da oração, Deus é invocado com pedidos de cura.

Certamente também devemos acrescentar que o não atendimento de uma oração por cura não caracteriza um silêncio ou até um fracasso da parte de Deus. Pelo contrário, quando não há cura, esta também é uma resposta de Deus, que nos cabe aceitar. Cito Karl Heim: "Ainda que a situação permane-

³²Cf. no v. 22 a expressão: "se podes fazer alguma coisa..."

³³Cf. Rm 4.20ss: Abraão "... deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido."

³⁴Willem Cornelis von UNNIK, "*Alles ist dir möglich*" (Mc 14.36), in: *Verborum Veritas*, Fest Schrift für Gustav Stählin, Wuppertal, 1970, p.27-36. Aqui o autor aponta para a oração de Jesus no Getsêmani e constata que o falar sobre a soberania de Deus tem seu "Sitz im Leben" na oração.

³⁵Cf. Adolf KÖBERLE, *Karl Heim. Denker und Verkündiger aus evangelischem Glauben*, Hamburg 1973, p.207-223.

ça a mesma, ainda que não se vislumbre a mínima perspectiva de mudança, na oração nós reconhecemos: a realidade que não se modifica não é simplesmente uma constante da matéria e energia..., mas uma nova decisão de Deus. É a sua vontade que, durante a próxima hora, a situação permaneça exatamente a mesma... Faz parte da essência e natureza da oração, reconhecer que todas as coisas - desde o trajeto traçado pelos astros até as vibrações dos elétrons - estão, neste exato momento, nas mãos de Deus, tal qual barro nobre nas mãos de um oleiro. Ele pode fazer com o barro o que lhe apraz”.⁴⁶

IX. FÉ E CURA DE ENFERMIDADES NO PERÍODO PÓS-PASCAL

1. O envio pré-pascal dos discípulos, como ensaio

De acordo com Mt 10.8 e a passagem paralela de Lc 10.9, Jesus enviou seus discípulos com a missão de também curar. Em Mt 10.8 e Mc 3.15, 6.7 também explicitamente é falado a respeito da tarefa do exorcismo de demônios. Interpretar o exorcismo como uma forma de cura não é algo próprio do nosso tempo. Também na época do NT, o exorcismo era compreendido como uma forma especial de cura. Conforme At 10.38: Jesus *andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele*. Que, de fato, também através dos discípulos houve curas nos é testemunhado em Mc 6.16 em Lc 9.6, bem como relatos de exorcismos que encontramos em Lc 10.17.

A missão de curar, como a encontramos em Mt 10 e Lc 10, é estritamente associada ao anúncio da vinda do *Reino de Deus*. A missão é compreendida como uma forma de continuidade e multiplicação do ministério de Jesus. Na tradição oral dos Evangelhos, destaca-se que os discípulos, após a Páscoa, proclamaram a mensagem de Jesus acerca do Reino de Deus. E o fato de as curas, no período pós-pascal, também se realizarem como tarefa delegada por Jesus, está amplamente registrado nas cartas.

2. A provocação dos inimigos por causa da cura em nome de Jesus

Logo após a Páscoa, nos é relatado o conflito dos discípulos com o Sinédrio, por causa da cura de um paralítico no Templo (At 3-4). O conflito se intensifica porque os discípulos se negam a cumprir a ordem do Sinédrio de

se calarem e pararem de ensinar e agir em nome de Jesus. Pelo contrário, eles continuam a curar. Em todo esse episódio, a dimensão do “em nome de Jesus” recebe um papel decisivo. Significa, de um lado, que os apóstolos não podem curar a partir de um poder próprio, que lhes é inerente (cf. At 3.12); por outro lado, colaboram para - através das curas em nome de Jesus - confirmar que Deus confirmou Jesus como o Cristo, através de sua ressurreição (cf. At 3.14-16). Ao mesmo tempo, o “em nome de Jesus” testemunha a abrangência do ministério de salvação de Jesus, como o vemos em At 4.12: *Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos*.⁴⁷

A tentativa do Sinédrio, de fazer calar os discípulos de Jesus, não deve ter sido como único motivo o fato de a pregação a respeito da ressurreição de Jesus se constituir numa afronta ao dogma dos saduceus, que não criam na ressurreição (cf. At 4.2 e Mc 12.18). Para pessoas que não crêem na ressurreição, que não contam com a possibilidade de uma ressurreição, as curas realizadas em nome de Jesus são interpretadas como um caso de feitiçaria, com aparição de espíritos de mortos. Isso é grave pecado em Israel e não se poderia tolerar essa prática.⁴⁸

Um morto não pode delegar poder para realizar milagres. Curas “em nome de Jesus” somente são legítimas - na perspectiva teológica - quando se trata de ações em nome de Jesus e no poder do Ressuscitado e Glorificado. Por isso, é necessário avaliarmos a fonte a partir da qual os milagres são realizados. Em relação ao cenário do Racionalismo e da Teologia Liberal, não há como negar que a pergunta pelos milagres, em última análise, redonda na pergunta por Deus, como Adolf Schlatter, acerca de Adolf Harnack, enfatizou. Porém, nem todos os milagres procedem do Deus vivo e verdadeiro da Bíblia (cf. Mc 13.22, Mt 24.24 e 2 Ts 2.9).

3. Cura e sua relação com a missão de evangelizar

No livro de Atos dos Apóstolos, encontramos outros relatos de cura, como também constatações sumárias de curas (At 5.15ss). Frequentemente encontramos a expressão “sinais e maravilhas” (At 2.43, 5.12, 6.8) no livro de Atos. Certamente, em primeiro lugar, os “sinais e maravilhas” se referem a milagres de cura. Por exemplo, é nos relatado que o bem-sucedido ministério de Felipe, na Samaria, foi acompanhado de muitas curas e exorcismos (cf. At

⁴⁶Id., Ibid. p. 223.

⁴⁷A palavra traduzida por “salvos” tem no original grego a expressão *sozein* que também é usada para “curar”.

⁴⁸Cf. Dt 18.10ss e 1 Sm 28.

8.7+13). Um paralelismo estreito nós encontramos na cura do paralítico no Templo e em At 14.8-10, durante uma inserção missionária de Paulo em Listra. Também nos é conhecido o relato do exorcismo realizado na escrava de Filipos (At 16.16-18). Igualmente nos é dito que, em Éfeso, realizaram-se milagres “extraordinários” através de Paulo (At 19.11ss). Muitas vezes, esses relatos de curas e milagres, realizados através de Paulo, foram rejeitados como sendo lendas, porém, ignora-se que Paulo, em suas cartas, escreve pelo menos duas vezes a respeito de milagres que se realizaram através dele (Rm 15.19, 2Co 12.12).³⁹ Como em ambas as referências Paulo cita os milagres no contexto de afirmação de sua autoridade apostólica, só podemos deduzir que os milagres eram conhecidos das comunidades e incontestados por estas.

Além disso, Paulo previne enfaticamente em 2Co 12 contra uma supervalorização desse seu atributo no ministério apostólico. Por isso, no mesmo contexto, Paulo se apressa em falar das perseguições que ele experimenta, e que também fazem parte dos “atributos” de seu ministério apostólico.⁴⁰ Igualmente, relata de seu sofrimento pessoal, a despeito de uma enfermidade pela qual ele pede por cura, mas que não lhe é concedida (2Co 12.7-10).

Instrutiva também é a forma de como o fenômeno da cura de enfermidades é mencionado no contexto da relação de dons do Espírito, em 1Co 12.4-11. Nessa lista de dons, estes são agrupados por identificação, geralmente de dois em dois. Na sua maioria, os dons alistados se relacionam com a fala, como por exemplo: palavra de sabedoria e palavra de conhecimento, profecia e glossolalia, discernimento da palavra profética e tradução da glossolalia. Somente na parte do meio da lista são mencionadas outras manifestações do Espírito como, por exemplo, dons de curar e poder para realizar milagres. Uma crítica textual que nem sempre é observada pelas traduções correntes é que Paulo não diz que Deus concede a alguns cristãos *o dom de curar*. O texto original fala de “dons” - sem artigo definido e no plural. Portanto, não se trata *do dom* de curar, mas de várias manifestações do Espírito Santo, podendo, inclusive, repetir-se algumas vezes na vida de um cristão. São somente algumas manifestações de dons que redundam em um ministério que pressupõe um dom dado continuamente como, por exemplo, o minis-

³⁹ Cf. Ernst Haenchen em seu comentário sobre At 19.12.

⁴⁰ O paralelismo entre o dom da cura e o destino ao sofrimento nos é relatado efusivamente em At 14.8-18. Chama a atenção que Lucas, excepcionalmente neste capítulo (v.4 e 14), por duas vezes usa o título apóstolo para Paulo (e Barnabé). Cf. Klaus HAACKER, *Vollmacht und Ohnmacht. - Charisma und Kerygma. Bibelarbeit über Apg 14.8-20*, in: ThBeitr 19 (1988), p.217-224.

tério da profecia ou do ensino (v. 28). A característica fundamental de todo dom é que ele sempre é uma dádiva gratuita do Espírito Santo (v. 11).

4. O estímulo para a intercessão pelos doentes em Tg 5.13-16a

Na carta de Tiago, encontramos um texto muito especial, tratando do tema “fé e cura” na perspectiva da ação, ou seja, dando preceitos de como agir em caso de enfermidade. Se nos textos narrativos a cura é tratada como caso especial ou isolado que não se pode prever, na carta de Tiago, é apresentada como a regra. E se antes dissemos que as curas realizadas por Jesus reivindicavam o anonimato, aqui o tema é introduzido no cotidiano da vida comunitária:

Entre vocês há alguém que esteja sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados.

Num primeiro momento, queremos destacar o que neste texto se correlaciona com a tradição dos Evangelhos:

1) Há um (fraco) paralelismo entre a expressão “tua fé te salvou/curou” com “a oração feita com fé salvará o doente”.

2) A possível (mas não obrigatória) relação entre cura da enfermidade e perdão dos pecados nos versículos 15 e 16.⁴¹

3) A iniciativa que parte dos enfermos: eles devem chamar os presbíteros (v. 14).

Mas o texto de Tiago também contém algumas peculiaridades que queremos destacar:

1) A relação de cura com o “ungir com óleo.”

Também encontramos essa relação em Mc 6.13. Em outros momentos do ministério de Jesus, vemos que a cura é envolvida por elementos materiais, especialmente o toque. Jesus não se limita a usar apenas a fala para curar. Em duas passagens paralelas, a cura é envolvida com um segundo elemento – como aqui com o óleo: Mc 7.33 e 8.23. Nesse caso, Jesus usou barro.

Por si mesmo, poderíamos questionar em que medida o óleo, de fato,

⁴¹ Cf. Mc 2.1-12.

constitui-se em elemento de cura. A partir da história do bom samaritano (Lc 10.34), somos lembrados de que o samaritano tratou as feridas da vítima com óleo. Poderíamos interpretar o fato como um indicativo de que não deveríamos prescindir dos recursos naturais para buscar a cura de enfermidades.⁴² Contudo, no texto de Tg 5, a natureza da enfermidade fica em aberto. E o óleo não era tido como elemento terapêutico na antiguidade. Portanto, o ungir com óleo tem um sentido simbólico no texto, relacionando-se com a oração por cura. Uma análise gramatical nos conduz à mesma conclusão, uma vez que o ungir se encontra no participio. É, portanto, uma ação que se submete à ação principal: a oração.

2) O papel dos presbíteros.

Nos escritos de Paulo, encontramos referências que apontavam para os dons de cura, mas nenhum indício de que esses dons estivessem associados a um cargo, nem mesmo a um cargo especial. Nem mesmo aos presbíteros – literalmente os anciãos – são atribuídos esses dons, até porque a tarefa do presbítero era outra. Na comunidade primitiva de Jerusalém e também nas comunidades do âmbito missionário de Paulo, os presbíteros constituíam-se em um grêmio de líderes. Cf At 11.30; 15.2, 4, 22; 16.4; 21.18; 14.23; 20.17; 1 Tm 5.17,19; Tt 1.5.

Que implicações podemos depreender do fato de aos presbíteros ser atribuída uma tarefa de cuidar dos enfermos? Como entender que aos presbíteros é dada a responsabilidade de interceder em favor dos enfermos, pedindo por cura? Penso que há algumas implicações importantes:

a) A enfermidade e a doença devem ser *levadas muito a sério*. A enfermidade é vista como oportunidade da comunidade, quando um membro padece. A comunidade, enquanto instituição, se dispõe a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que o enfermo seja restaurado. Eu penso que aqui se destaca uma qualidade da igreja que, ao longo dos anos, na história eclesial, esteve em muito maior evidência. Enquanto que a enfermidade arranca a pessoa de seu âmbito social e, em casos extremos, de seu âmbito familiar, a necessidade de saber-se integrado à comunidade se torna aguda para o doente. Nesse ponto, a tradição cristã e a judaica afinam entre si. Não é por acaso que a poimênica junto aos enfermos recebe destaque especial na formação de pastores. A comunidade é chamada a importar-se de forma especial com o doente, haja vista a tendência ao isolamento – o que acaba enfraquecendo o doente.

⁴² Esta é, provavelmente, a concepção da comunidade primitiva. Cf 1 Tm 5.23.

b) A oração de intercessão pelos enfermos é confiada *a um grupo*. Somos remetidos à palavra de Jesus em Mt 18.19: *... se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus*.⁴³ Talvez não seja por acaso que discípulos de Jesus ou missionários cristãos assumam – não só o ministério da pregação, mas qualquer carisma/dom – em duplas (cf. At 3.1-10, 14.8-18), embora nem sempre esta seja a regra. Um carismático proeminente que atua sozinho sempre corre o risco de orgulhar-se de seu dom ou de ser admirado pelos outros.⁴⁴ Quando o carisma não está mais unido à comunidade, não está mais a serviço da comunidade, ele pode ser abusado. O abuso comercial talvez se configure como o tipo de abuso mais comum.⁴⁵ (Afinal de contas, em troca da saúde, as pessoas estão dispostas a dar algo!).

c) O enfermo é remetido à respectiva liderança da comunidade local. Com isso, a oração de intercessão em favor da cura é ordenada à vida orgânica da comunidade. É possível que, como pano de fundo dessa orientação, esteja um certo ceticismo em relação aos pregadores itinerantes que no tempo da igreja primitiva eram muito comuns. Em todos os casos, é negada a necessidade de um cargo especial para o ministério da cura.

d) Levanta-se a pergunta se os presbíteros, por força do cargo que ocupam, terem necessariamente os dons de cura. Em todos os casos, há de considerar-se que a oração da fé ajudará o enfermo, Deus haverá de ouvir a oração. Mas, seria esta uma teoria que a partir de elementos empíricos não pode ser questionada? Provavelmente não é esse o caso! Certamente, na ocasião em que o texto bíblico foi escrito, a resposta positiva às orações de intercessão por cura era a regra. Por outro lado, há de considerar-se como fica a resposta à oração, se associarmos a expressão “a oração de fé curará o doente” com as expressões “duvidar” e “pequena fé” ditas por Jesus nos Evangelhos sinóticos.⁴⁶ Da mesma forma, a ordem no v. 16 para que se “confesse os pecados uns aos outros”, poderia indicar para o fato de poder haver empecilhos para que uma oração por cura seja atendida.

e) Finalmente, queremos apontar para uma significativa diferença em relação aos *relatos* de cura: nos relatos não aparece a oração, apenas a realização da cura através de uma *palavra de ordem*. A palavra de ordem corresponde

⁴³ Cf. também Mc 2.3: O paralítico é carregado por 4 pessoas à presença de Jesus.

⁴⁴ Cf. At 14.11-13 e 2 Co 12.11ss.

⁴⁵ Cf At 8.18-24.

⁴⁶ Cf. G. BARTH, *Glaube und Zweifel in den synoptischen Evangelien*, in: ZThK 72 (1975), p.269-292.

a um tipo de carisma “denso”, que contrasta com o pedir por um milagre através da oração. Quando pedimos, em oração, por uma cura, sempre está implícita a pergunta se aquilo que pedimos também corresponde à vontade de Deus, respeitando a liberdade de Deus de nos atender ou não o pedido. Pedir, nesse sentido, não requer qualquer tipo de “poder” especial, uma vez que se trata de uma real necessidade e perigo. Destaque-se ainda que a expressão “a oração feita com fé...” pode denotar o momento da certeza. Nesse sentido, confere-se grande responsabilidade aos anciãos ou presbíteros: em outras palavras, o que está implícito na expressão é que os anciãos devem estar em comum acordo sobre a certeza do atendimento da oração, sem a qual não poderão efetivamente ajudar o enfermo.

Mais uma vez, quero destacar que a iniciativa para que se ore deve partir do doente, não dos anciãos. Portanto, do membro doente da comunidade se exige um passo decisivo de fé. Os anciãos apenas endossarão esse passo de fé. Por isso, não é legítimo e ninguém é autorizado a fazer uma tentativa carismática de cura junto a um doente, sem que no doente haja uma correspondente iniciativa, um desejo ou esperança por cura. Os enfermos normalmente possuem um sentimento honesto a respeito de sua situação e fazem sua prognose, a não ser que o meio no qual vivem os iluda com falsas informações ou desvios de toda sorte. Creio que sempre de novo é concedida ao doente a possibilidade de confiar, confiança que possibilita a ele lidar com os prognósticos da medicina e inclusive negá-los. Porém, não deveríamos tentar demover o ceticismo de um doente em relação a uma cura com imposição de promessas bíblicas. Os enfermos geralmente percebem o que é o mais adequado em cada momento: aprender a lidar com a fase do luto e confrontar-se com a nossa finitude, “aprendendo a morrer”, ou lutar com todas as forças e com todos os meios que nos estão à disposição, contra as ameaças da vida.

X. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero finalizar com alguns impulsos para nosso lidar com a enfermidade e a morte:

Nós presenciamos, de um tempo para cá, um desenvolvimento na forma como lidamos com a morte. Muitas pessoas de nossa civilização são influenciadas por essa tendência de se desconstruir a morte como tabu. No primeiro plano desse desenvolvimento, está o objetivo de aceitar-se a realidade da morte. Como pressuposto, sabe-se dos limites das possibilidades da medicina e procura-se, conscientemente, encarar o limite da própria vida. O

perigo dessa tendência é o desenvolvimento de um *acento unilateral e antecipado* no aspecto do *conformar-se* com a situação. Sobretudo se verifica esse perigo no aconselhamento a pessoas gravemente enfermas. Para dizê-lo de forma exagerada: pessoas saudáveis não têm o direito de passar “sermão” aos enfermos, no sentido de que o doente irá morrer e que ele precisa se conformar com o fato. Essa, com certeza, não é uma boa alternativa à tendência tradicional de negar a morte. Da perspectiva do doente, não posso imaginar-me nada pior do que uma sessão “quase pedagógica” de aconselhamento com o alvo de ensinar as pessoas a morrer. O alvo do aconselhamento deveria ser o de acompanhar o doente na sua situação do momento, [ou seja, se o doente luta pela vida, não querer ensiná-lo a morrer e vice-versa]. Precisamos nos precaver contra todo e qualquer esquema: não há um manual que explique exatamente como atravessar as fases que antecedem à morte.⁴⁷

As orientações que encontramos em Tg 5 - no caso de enfermidades que poderiam ser tratadas pela comunidade - são difíceis de serem aplicadas no contexto dos hospitais. Não estão previstas as orações nos receituários das clínicas médicas. Há uma série de empecilhos que dificultam uma aplicação prática das orientações de Tg 5. Por mais que um doente deseje, por iniciativa própria, que se ore por ele nos moldes de Tg 5, há uma série de circunstâncias e tradições no ambiente hospitalar que dificultam essas iniciativas, em todos os sentidos.

Se considerarmos que não apenas uma postura de paciência e aceitabilidade em relação à enfermidade e morte é sinal de piedade, mas que talvez justamente o contrário - lutar com todas as forças contra a enfermidade e a morte possa ser um profundo ato de fé, haja vista que a vida (já a terrena) é uma precisa dádiva de Deus - nesse caso, necessitamos desconstruir, em larga escala, uma série de tabus no contexto da igreja. Se um doente tem o sentimento de que o pastor que o está visitando poderia fazer uma oração intercedendo pela cura, então o pastor deveria endossar esse sentimento e desejo. O pastor Otto Michel relata de suas experiências de ministério, quando ele ainda era jovem pastor: certa vez, ao fazer uma visita no hospital, foi abordado com um pedido de oração de cura em favor de uma senhora com câncer. A mulher havia sido desenganada pelos médicos. Na ocasião, ele teve a ousadia de fazer essa oração e, para sua grande surpresa, alguns dias depois, recebe a notícia de que a senhora havia deixado o hospital e milagrosamente experimentado uma cura.⁴⁸ Por outro lado, quão constrangedor é quando o

⁴⁷ As fases que antecedem à morte não são “estações” fixas, elas podem repetir-se.

⁴⁸ Cf. Otto MICHEL, *Anpassungen oder Widerstand*, p.50-52.

doente sabe de antemão que seu pastor não considera como relevantes os textos com relatos de milagres no NT! Nesse caso, qualquer esperança é tirada da pessoa enferma. Eu penso que os cristãos têm, em primeiro lugar, a tarefa de defender a fé na ressurreição e isso significa que precisamos encarar a morte como nosso inimigo, como inimigo que foi vencido. Portanto, nossa tarefa é fortalecer a fé contra o poder da morte e não fortalecer a idéia da onipotência da morte.

Enquanto outros, muitas vezes, procuram negar a morte, nós corremos o risco de, em primeiro lugar, falar da morte. Porém, nossa tarefa não é a de espalhar a depressão e irradiar a resignação, mas defender a vida, e não somente a vida eterna.⁴⁹ Portanto, nós deveríamos repensar nossa postura em relação aos relatos de cura do NT e ter a coragem de compreender o significado e a relevância desses relatos para a nossa geração. Certamente, se as Escrituras nos abrem uma dimensão para os carismas, dons de cura, isso não significa que podemos fazer dos mesmos um programa, um método pragmático. Porém, querem elevar nossa sensibilidade para situações vivenciadas pelos enfermos e pelos sinais que eles nos emitem. Sempre quando a enfermidade é experimentada como elemento de provação à fé e confiança em Deus, a oração e a intercessão em favor do doente não deveriam constituir-se em um tabu, mas, com coragem, deveríamos encarar o desafio e colocar em prática a intercessão em favor dos enfermos.

⁴⁹ Há de se observar que quando a vida de uma pessoa alcançou uma idade abençoada, e a pessoa em paz pode encarar a morte *e a vida eterna*, nesse caso o acento de nossas palavras, com certeza, deve ser outro.

“NÓS APAGAMOS O HORIZONTE” (F. NIETZSCHE). A PREGAÇÃO DO EVANGELHO SOB AS CONDIÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE *

Heinzpeter Hempelmann **

1. O QUE É PÓS-MODERNIDADE? O ANÚNCIO DA MORTE DE DEUS POR F. NIETZSCHE COMO NASCEDOURO DA FILOSOFIA PÓS-MODERNA

1. “O ser humano louco”

“Vocês não ouviram falar daquele ser humano louco que, em plena manhã clara acendeu um lampião, andou pela praça do mercado e gritou incessantemente: ‘Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!’ – Como lá se encontrassem justamente muitos daqueles que não criam em Deus, ele provocou muitas gargalhadas. ‘Será que ele se perde?’”, dizia um. ‘Será que ele errou o caminho como uma criança?’, dizia o outro. ‘Ou será que ele se mantém escondido? Será que ele tem medo de nós? Será que ele afundou? Desertou?’ – assim eles gritavam e riam, descontroladamente. O ser humano maluco pulou no meio deles e os transpassou com seus olhares. ‘Para onde foi Deus?’, clamava ele, ‘Eu quero dizê-lo a vocês. *Nós o matamos*, – vocês e eu. Nós todos somos os seus assassinos. Mas como nós fizemos isso? Como fomos

* Texto traduzido do alemão por Claus Schwambach. Título original: Heinzpeter HEMPELMANN. „Wir haben den Horizont weggewischt“ (F. Nietzsche). *Das Evangelium verkünden unter den Bedingungen der Postmoderne*, in: Theologische Beiträge 30 (1999), 32-49. © Theologischer Verlag Rolf Brockhaus.

Heinzpeter Hempelmann (Dr.) é professor de teologia e atuou até meados de 2005 como Diretor do Seminário Teológico da Missão Liebenzell (“Theologisches Seminar der Liebenzeller Mission”). É também um dos editores da revista teológica alemã “Theologische Beiträge” e autor de diversos artigos teológicos na área da missiologia e da apologética.

¹ Alem.: „Der tolle Mensch”.